

CLICKBAITS, VIOLÊNCIA E ARTE PÚBLICA NA QUINTA DO MOCHO, LOURES

por

Henrique Chaves¹

Resumo: Os bairros sociais perpetuam-se numa imagem pré-estabelecida que os conota com problemas relacionados com a violência, a insalubridade social e com a delinquência. Esta construção parte, por norma, do exterior do bairro, apoiando-se em exemplos generalizados e assim objectificando uma imagem própria. Este processo propaga a já existente exclusão destes bairros. A referida exclusão desenrola-se a vários níveis, como na falta de acesso aos direitos sociais mais básicos para os seus moradores. Foram consultados artigos de *sites* jornalísticos publicados *online* no período entre 2011-2015. Procedeu-se à recolha *online* nos seus respectivos sítios, através de pesquisa de termos conducentes a notícias relevantes. Aponta-se como objectivo observar esta construção de uma imagem do bairro – a Quinta do Mocho – onde simultaneamente se realiza um projecto de criação de Galeria de Arte Pública com apoio autárquico. Este projecto consiste na realização de murais de *street art* que cobrem as empenas dos prédios deste bairro. Fabrica-se assim uma imagem positiva do bairro contrariando o negativismo mediático. Pretende-se com este trabalho entender como os jornais portugueses constroem e alteram a imagem deste bairro, de acordo com as mudanças operadas no mesmo.

Palavras-chave: Quinta do Mocho, street art, imprensa *online*.

Abstract: There is a pre-established image that is perpetuated about social neighbourhoods which connotes them with problems related to violence, social noxiousness and delinquency. The construction starts, usually, from outside the neighbourhoods, supported by generalised examples and then objectifying a specific image. This process propagates the already existing problem of exclusion in this neighbourhoods. The exclusion operates on different levels, as the lack of access to the most basic social rights for their inhabitants is an example. I consulted several articles from journalistic sites published online between the period of 2011-2015, were analysed. We proceeded to collect online in the respective places through searching using terms leading to relevant news articles. This article has as its objective to observe the construction of an image of the neighbourhood – the Quinta do Mocho – where simultaneously there is a project in development, dedicated to the creation of a gallery of public art, supported by the local authority. This project consists in the realisation of street art murals which cover the sides of the neighbourhood's building, thus fabricating a positive image of the neighbourhood, countering the mediatic negativism. This work pretends to understand how Portuguese newspapers construct and change the image of this neighbourhood, through the changes operated in it.

Keywords: Quinta do Mocho, street art, online press.

¹ FCSH/NOVA - email: henrique.chaves.costa@gmail.com

SOBRE A QUINTA DO MOCHO

Nas fronteiras da cidade de Lisboa encontram-se vários conjuntos habitacionais, cuja existência, por norma, só é notada quando as manchetes dos jornais estampam notícias de violência e de ação policial. Recorrentemente é difundida a ideia de “perigo nestes bairros” onde se diz: – Polícia não entra! Esta disseminação do medo ocorre tanto de “boca-em-boca”, como também através da internet, onde a partilha fácil de informação acentua esta propagação de temores nem sempre fundados. No contexto português, o *facebook* é a rede social predominante e nesta impera uma necessidade em receber “gostos” e “partilhas”, aumentando assim a visibilidade das páginas e perfis presentes nesta rede social. A imprensa, na sua generalidade, também aposta na presença em redes sociais, sendo mais um meio para chegar aos seus clientes e proporcionar uma expansão para novos públicos. Existe um termo que nos ajuda a pensar o comportamento da comunicação social actualmente presente nas redes sociais: *clickbait* (isco para cliques). Nas redes sociais com facilidade se difundem referências negativas dos bairros periféricos e reiteram-se estereótipos negativos, algo que é muito patente quando tomamos por referencia a Quinta do Mocho.

A Quinta do Mocho remonta a meados dos anos 1960, altura em que foi elaborado o respectivo plano de urbanização que previa a construção de 1900 fogos, 400 dos quais destinados à habitação social. Em 1969, houve discórdias entre a Câmara Municipal de Loures (CML) e a empresa detentora do terreno, ficando as obras incompletas, apenas com as infra-estruturas e arruamentos lançados. Vale a pena acrescentar ainda que após o 25 de Abril o processo ganhou novos contornos. As obras foram paralisadas em 1978, e desde essa altura nunca foram retomadas, por força de uma série de questões burocráticas. Os terrenos e os prédios inacabados começam a ser ocupados durante o início dos anos 80 e no final desta mesma década começam a ser realizados recenseamentos da população que ocupava tanto os prédios inacabados como as casas construídas informalmente nos seus arredores. Foram contabilizadas 63 famílias em 1989 e em 1997, poucos anos antes do início do processo de realojamento, já se contabilizavam 801 famílias (3842 indivíduos). A grande maioria destes residentes em situação de construção informal são imigrantes, vindos principalmente dos PALOP, mais precisamente de Angola, de Cabo Verde, da Guiné Bissau e de São Tomé e Príncipe. Para explicar o aumento do número de moradores, é apontado o reagrupamento familiar das famílias imigrantes. Também é relevante apontar que devido às questões burocráticas o processo de desalojamento de moradores não avançou como era do interesse da empresa detentora do terreno. Por outro

lado, a notícia de um possível realojamento dos moradores surtiu o efeito de atracção de novos moradores, que construíram novas casas informais, com a perspectiva da sua inclusão num futuro processo de realojamento. Durante os anos de ocupação, estes moradores apetrecharam as suas casas dentro das torres inacabadas e foram construídas mais de 200 unidades no terreno. O contexto geral era de grande insalubridade, sem saneamento básico, com lixo acumulado junto aos prédios e os esgotos a descer das paredes dos prédios. Por questões burocráticas e pela falta de apoios económicos o realojamento só começou em 2000, tendo-se mudado as últimas famílias para o “novo Mocho” em 2002 (cf. Malheiros e Letria 1999; Esteves 2004; Ramalho e Trovão 2010).

A Quinta do Mocho está situada na freguesia de Sacavém e Prior Velho e até há menos de um ano a sua designação territorial era Urbanização Terraços da Ponte. Essa urbanização abrangia os moradores do realojamento do “antigo Mocho”, em casas sociais, e também abrangia moradores que vieram posteriormente habitar os prédios construídos no mesmo sítio dos antigos prédios da Quinta do Mocho. Deste modo, no antigo espaço que era compreendido como Urbanização Terraços da Ponte temos uma separação espacial de moradores dada por referência às suas origens e respectivas capacidades económicas. Uma fronteira simbólica divide ambas as partes, a Avenida das Comunidades, que separa os dois complexos urbanos tão diferenciados. No lado dos moradores realojados é notável a presença imigrante negra, como já foi referido anteriormente; já nos novos prédios é visível que aqueles que ali vivem são na sua generalidade brancos.

Em 2013, ainda no mandato do Partido Socialista (PS) na presidência da Câmara Municipal de Loures, teve lugar na Quinta da Fonte, na Freguesia da Apelação, a primeira edição do Festival o Bairro i o Mundo. O Festival foi organizado conjuntamente entre a CML e a Associação Teatro IBISCO (Teatro Inter Bairros para a Inclusão Social e Cultura do Optimismo).

Fez-se este festival – como é apresentado nos vários discursos dos entrevistados – com o objectivo unir os dois bairros – a Quinta do Mocho e a Quinta da Fonte – marcados por uma forte rivalidade, acentuada pelas *gangs* locais, que desembocou no passado em várias situações de violência. O festival voltou a ser realizado em 2014 agora já na Quinta do Mocho e no actual mandato do executivo da Coligação Democrática Unitária (CDU). A vereadora Maria Eugénia Coelho tanto na entrevista, como também nas apresentações que faz no dia das visitas guiadas afirma que quando tomou posse como vereadora teve muitas dúvidas se o primeiro trabalho a ser realizado naquele bairro seria uma festa, mas de acordo com a sua perspectiva, havia um interesse por parte dos moradores em avançar com a mesma e como tal esta foi realizada.

FESTIVAL O BAIRRO I O MUNDO E A GALERIA DE ARTE PÚBLICA

Como também aconteceu na Quinta da Fonte, o festival contou com a presença de artistas na área da *street art* que pintaram também na Quinta do Mocho algumas empenas dos blocos habitacionais. Como me disse ainda a vereadora Maria Eugénia Coelho, começou a existir um maior interesse na existência de obras de arte no bairro e como tal estas foram realizadas e assim puderam começar as primeiras visitas guiadas. Com o aumento da quantidade de trabalhos executados começaram a ser realizadas visitas guiadas pelo bairro para dar a conhecer os trabalhos dos artistas, visitas estas conduzidas por moradores do bairro. Os artistas disponibilizaram-se na maioria das vezes para pintar as empenas em regime *pro bono*, e actualmente, já existem mais de 60 trabalhos a cobrir empenas na Quinta do Mocho.

Exponho aqui três de obras que compõe a Galeria de Arte Pública da Quinta do Mocho e explicarei rapidamente o significado que lhes é dado pelos moradores que fazem o trabalho de guia – os moradores-guia – no último sábado de cada mês. Na maioria das vezes, os artistas explicam o objectivo das suas obras enquanto estão a pintá-las aos moradores-guias. Mas não deixa de ser curioso que os próprios moradores-guia construam as suas narrativas sobre as mesmas. As obras aqui expostas vão ao encontro de algumas destas narrativas. Na obra do artista Nomen representada na 1. *Ilustração – Nomen*, vemos uma mulher negra a retirar a máscara branca do seu rosto, o discurso apresentado sobre esta obra debruça-se sobre como os moradores da Quinta do Mocho perderam a vergonha de dizer de onde eram, e que neste momento têm orgulho de pertencer a este bairro. Na obra do Projecto Matilha, 2. *Ilustração – Projecto Matilha* vemos um Rottweiler visto pelos moradores como um dos cães enquadrados nas setes raças que em Portugal são consideradas potencialmente perigosas, mas que pode ser igualmente um cão dócil, como se vê na imagem, no focinho do cão está a personagem Woodstock. Os moradores usam este exemplo para dizer que os moradores da Quinta do Mocho são por diversas vezes retratados como pessoas más ou perigosas, mas que na realidade são pessoas simpáticas e acolhedoras. Por fim, vemos na 3. *Ilustração – Vhils*, o rosto de um dos DJs do bairro, o DJ Nervoso, conhecido como o precursor do *afro-house*, na explicação dada sobre esta obra é dito que no bairro há muitos músicos e DJ's reconhecidos e como tal Vhils quis dar-lhes visibilidade.



Ilustração 1. *Nomen*



Ilustração 1. *Projecto Matilha*



Ilustração 1. *Vhils*

QUESTÕES PARA REFLEXÃO TEÓRICA

Para Lefebvre os bairros suburbanos “*são marcados por um carácter funcional e abstracto: o conceito de habitat levado à sua forma mais pura pela burocracia do Estado*” (Lefebvre 1968, 31). São deste modo dormitórios humanos. Lefebvre aprofunda ainda mais a sua tese, afirmando que nestes bairros a consciência social vai-se dissipando, pois os habitantes estão distanciados da “sua obra”, ou seja, dos meios de produção. E é aqui que me interessa sobremaneira a sua discussão, para perceber até que ponto os moradores alienados da “sua obra” começam a ganhar consciência da necessidade do seu “direito à cidade” quando confrontados com a Galeria de Arte Pública (GAP).

De entre os contributos teóricos sobre o direito à cidade, destacam-se também os de David Harvey, autor que afirma que há uma apropriação dos estilos de vida e do comércio de comunidade por aquilo ele chama de «novo urbanismo», o qual traz associado a defesa dos valores da propriedade privada, e onde moradores são lançados contra moradores na defesa de interesses individuais. Harvey também não se esquece de ilustrar a forte e crescente polarização entre ricos e pobres vinculada nas cidades modernas. Desta separação surgem dentro das cidades dois modelos de construção distintos, por um lado, um com boas condições, com um forte aparato de segurança e do outro lado aquele que aloja as camadas pobres, as quais vivem em condições insalubres. O confronto entre aqueles dois modelos de construção é uma constante. Por contrapartida, também surgem dentro das cidades movimentos de resistência que tentam defender-se dos avanços do capital e que são normalmente silenciados pelo aparato do Estado apoiado pelos detentores de terra. A solução do problema da habitação por parte da burguesia, como afirmou Engels – que David Harvey cita –, não chegará a lado nenhum, e será a reprodução dos problemas antigos, pois é constante a necessidade da economia capitalista gerar lucro. Por contrapartida, Harvey, diz, se o humano constrói a cidade e tudo à sua volta, ele tem direito à cidade, porque esta, é, em último caso, extensão de si mesmo (Harvey 2008).

Podemos invocar aqui Loïc Wacquant (2001) para problematizar o que podemos entender como «bairro de lata» em Portugal, isto apesar do autor não ter estudado cá. De facto, Wacquant discute outros contextos (norte-americano e francês), mas fá-lo com argumentos poderosos que é possível utilizar como referencial apto para pensar também no contexto português. Na sua análise do contexto norte-americano vemos que o autor afirma haver uma política de repressão punitiva das classes trabalhadoras, que é especialmente acentuada no negros; aliada a isto há ainda aquilo que o autor chama de «colapso das instituições públicas» e o abandono urbano por parte do Estado. Pondo um paralelo com as descrições de Wacquant,

podemos notar com a Quinta do Mocho também se configura como um conjunto habitacional altamente isolado, com poucas entradas/ saídas do bairro, dificuldade na mobilidade devido o parco acesso a transportes e como tal temos aquilo um símile do que Wacquant chama «região de exílio».

A propósito deste tipo de bairros perpetuam-se imagens pré-estabelecidas que os conota com problemas relacionados com violência, com insalubridade social, com delinquência, entre outros problemas, que, na generalidade, denotam uma imagem de bairro “a evitar”. Esta construção parte, por norma, do exterior do bairro, apoiando-se por referência sumária a outros exemplos, generalizando juízos com base em preconceitos e, assim, objectificando uma imagem estigmatizada., que sublinha a pré-existente exclusão destes bairros. Esta surgirá expressa a vários níveis, na falta de direitos sociais mais básicos para os seus moradores, nomeadamente, com expressões, por exemplo, na educação, na saúde, na moradia, até à exclusão dos moradores do mercado de trabalho. A somar também temos o facto de, por norma, estes bairros se encontrarem isolados também territorialmente, o que permite dramatizar ainda mais as narrativas construídas sobre os mesmos, estigmatização dos seus moradores. Nas diversas formas de como este estigma é produzido e reproduzido, constatamos comunicação social assume um papel preponderante. Pois, como vemos

... o papel dos mass media na formação e difusão das representações sociais é muito importante, pelo poder que têm de fazer chegar a informação que constroem e difundem a um grande número de grupos sociais. Mas a influência é mútua entre representações sociais e comunicação. Se, por um lado, a comunicação as constrói e difunde, por outro, estas afectam-na na medida em que influenciam a escolha dos interlocutores e dos objectos mencionados na comunicação” (Jodelet apud Diogo, 1999, 332).

Como tal, se tivermos em atenção as peças jornalísticas lançadas sobre bairros como a Cova da Moura, Arrentela, Quinta da Fonte e claro a Quinta do Mocho ou mesmo peças jornalísticas lançadas sobre algumas etnias, por exemplo, negra e cigana, ou ainda sobre específicos grupos de migrantes, acontece, por norma, que temos uma produção e/ ou reprodução de imagens negativas associados a estas pessoas e contextos.

MÉTODOS DE RECOLHA DE ARTIGOS JORNALÍSTICOS E METODOLOGIA ETNOGRÁFICA

Resolvi fazer uma recolha extensa de reportagens e notícias que referenciavam a Quinta do Mocho, em *sites* de notícias portuguesas onde estas foram encontradas.

Foram tidos em conta todas as formas de expressão jornalística, tantos os jornais com expressão física (exemplos: *Público*, *Diário de Notícias*), também os *sites* jornalísticos derivados das redes de televisão (exemplos: TVI e SIC), mas também os sítios jornalísticos exclusivamente *online*, tendo só este meio na sua difusão de artigos jornalísticos (exemplos: *Observador* e *Diário Digital*). Foram tidas em conta todas as peças publicadas nestes *sites*, tendo como único referencial ser sobre a Quinta do Mocho. Trabalhei tanto reportagens jornalísticas como artigos de opinião. No procedimento da recolha de notícias, utilizei o Google como ferramenta de busca *online* e tive como período de busca os anos de 2011 a 2015. Pretendia-se era uma recolha exaustiva. Para encontrar notícias associadas à Quinta do Mocho utilizei várias frases com palavras-chave e utilizei sempre as palavras “Quinta do Mocho” associadas a outras ou não. Recorri ao *site* do Google para notícias. De forma sistemática, repartí o material compilado por título, data, assunto.

O objectivo: encontrar narrativas sobre o bairro, enquadrá-las, problematizando. A ideia inicial passou por fazer uma leitura dos materiais recolhidos antes e depois do surgimento da iniciativa da Galeria de Arte Pública (GAP) ter sido referenciada nos meios de comunicação social. Procurei perceber se existiam duas leituras sobre o bairro e como estas estão respectivamente construídas. Além da recolha, fiz trabalho de campo durante praticamente um ano, tendo realizado entrevistas a moradores, dirigentes associativos, à vereadora e a artistas que participaram na GAP.

NOTÍCIAS SOBRE MARGINALIDADE E CRIME

Um grupo de notícias refere-se àquelas publicadas até outubro de 2014 (altura que decorreu a segunda edição de *O Bairro* e *O Mundo na Quinta do Mocho* e que teve início a GAP). Reportavam acontecimentos negativos no bairro ou a ele associados. Designei este conjunto por Notícias sobre marginalidade e crime (4 peças). Vejamos então a seguinte tabela:

Tabela 1. Notícias sobre marginalidade e crime		
Título	Fonte	Data
Preocupação constante com a segurança	Jornal de Notícias	10/09/11
Dono de loja queima ladrão com ácido sulfúrico	Correio da Manhã	30/09/11
Tiroteio na Quinta do Mocho faz um morto e um ferido grave	RTP	09/02/14

A primeira é uma reportagem do JN e fala-nos da preocupação da Polícia Judiciária com o terrorismo e como a mesquita da Quinta do Mocho constava dessas preocupações. O Correio da Manhã – conhecido como sendo um jornal sensacionalista –, refere um conflito entre comerciantes e moradores no bairro: “Revoltado com o assalto, o dono da mercearia pegou em ácido sulfúrico e lançou-o sobre Osvaldo, queimando-lhe 80% do corpo.”

CASOS DE SUCESSO

Criei um grupo com as notícias que não tinham por tema estes problemas do bairro (como violência, tráfico, acção policial e afins), e pude constatar que todas as que não eram negativas (publicadas entre 2011-2014) tratavam de pessoas que faziam (e fazem) sucesso nas suas carreiras profissionais, sendo músicos e futebolistas os exemplos encontrados. Assim, criei um conjunto transversal abrangendo os anos 2011 a 2015 intitulado Casos de Sucesso (4 notícias encontradas). Neles se verifica como a comunicação social constrói a ideia de que, mesmo vivendo num bairro como aquele, é possível ter sucesso. Mesmo depois do bairro ter ganho uma nova dimensão cultural e simbólica (pós-2014 com a GAP), os *medias* ainda utilizam este tipo de discurso: “Apesar de virem do Mocho, conseguiram chegar a algum lado”. A GAP não conseguiu eliminar um tal discurso.

Sobre os casos de sucesso, temos um músico e um jogador de futebol que são reconhecidos nacionalmente. Primeiro, o jogador Carlos Mané do Sporting que esteve na seleção olímpica portuguesa de futebol nas Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. Já sobre músicos, a Quinta do Mocho é reconhecida neste momento por ser o “berço” de vários *dj's* de *afro-house* que têm vindo a tocar nas principais discotecas lisboetas, festivais de música eletrónica, e vários deles têm feito carreira na sua área por vários países tanto na Europa como noutros continentes. Deles, o nome mais sonante é o DJ Marfox e é este que até 2015 aparecia regulamente na comunicação social.

Vejamos então excertos de duas destas peças selecionadas:

“Mané é um dos casos de sucesso do Escolhas, um programa governamental para jovens em risco, na maioria oriundos de bairros sociais.” (DN, 02/11/15)

“A importância da noite Príncipe é também essa”, justifica Marfox, “é mostrar ao mundo o melhor que existe nestes bairros. É mostrar a música feita na periferia há muitos anos. É música boa, feita em Lisboa, com consistência.” Ele move-se com à-vontade na periferia, mas também nos meandros cosmopolitas da cidade, percebendo que os eventuais desencontros começam, quase sempre, no desconhecimento. No medo do que não se conhece” (Público, 26/07/14)

Tabela 2. Casos de Sucesso		
Título	Fonte	Data
A periferia é o centro	Público	26/07/13
O ano visto por Marfox: um som para o mundo	Público	27/12/14
Da Quinta do Mocho para Alvalade sem esquecer o bairro	DN	02/11/15

Nestes excertos vemos o exemplo de pessoas que se enquadram nestes casos de sucesso. Primeiro, o Carlos Mané que conseguiu chegar ao Sporting através do Programa Escolhas e, por outro lado, o modo como o DJ Marfox² interpreta a sua realidade no contexto onde vive Sobre a comunicação social DJ Marfox acrescentava que é importante que o bairro seja reconhecido pelo potencial de trabalho dos seus moradores, e não pela visão negativa. Assim, afirmava-me em entrevista que só aceita ser entrevistado para a comunicação social dentro do bairro, porque assim, obriga os jornalistas a irem ao bairro e não construírem narrativas sobre a sua realidade sem sequer lá terem ido.

SOBRE A GAP

Um outro conjunto noticioso abrange a festa do Bairro i o Mundo, a GAP e as consequências directas destes projectos no bairro: são 8 as peças, recolhidas até 2015, sobre a GAP. Essas notícias também referenciam certas mudanças no bairro, como a introdução da carreira de autocarro e a circulação de táxis no bairro. Estrategicamente, a CM de Loures convida regularmente a comunicação social para estar presente no bairro sempre que isso se considera necessário. Já em 2016, foram publicadas várias notícias sobre a GAP, onde se mencionam as visitas guiadas, a extensão do projecto da GAP para todo Loures, e discute-se também as dimensões do projecto. Vejamos a seguinte tabela:

² Acrescento ainda que este DJ foi entrevistado para o trabalho mais alargado da tese.

Tabela 3. Sobre a GAP		
Título	Fonte	Data
Arte urbana para recuperar imagem da Quinta do Mocho	DN	03/08/14
A Quinta do Mocho é uma galeria de arte	Sábado	24/03/15
Um bairro problemático transformado em galeria de arte	TSF	25/10/15

O discurso sobre a GAP antevê o bairro transformado numa galeria de arte sugerindo que se encontrou um modo para recuperar a sua (ou dar uma nova) imagem ou uma panaceia para esta deixasse de ser uma zona problemática. Passo a citar um destes artigos: “Apostou-se na qualificação artística dos edifícios, na reabilitação do espaço público e equipamentos coletivos e na mobilização dos moradores, para que nestes aumentasse o sentimento de pertença comunitário.” (TSF, 25/10/15).

NOTÍCIAS DO 3 DE DEZEMBRO

Tabela 4. Notícias do 3 de dezembro		
Título	Fonte	Hora¹
200 polícias na Quinta do Mocho em busca de armas	TVI24	07:19
Três detidos na operação da PSP na Quinta do Mocho, em Sacavém	Porto Canal	09:07
Subiu para sete número de detidos na operação da PSP na Quinta do Mocho, em Sacavém	DN Madeira	10:11

Por fim, no dia 3 de dezembro de 2015, teve lugar na Quinta do Mocho uma operação da polícia para o cumprimento de 30 mandatos de busca, que mobilizou acima de 200 agentes. Houve detidos e apreensão de armas de fogo. O que me interessa neste acontecimento em particular, além de todo o impacto que possa ter ocorrido na perspectiva dos moradores, é o acompanhamento dele foi feito pela comunicação social. As notícias sucediam-se consoante o avanço da ação policial, por certo, sempre com as redes sociais em mente. Nesse dia, publicaram-se 37 notícias *online* nos diferentes órgãos de comunicação social. É preciso ter em conta que os jornais partilham a mesma fonte, a agência de notícias Lusa. Isto faz com

que o discurso seja uma repetição e que em muitos casos não exista uma análise própria do órgão que publica a notícia.

Da pesquisa realizada às dezenas de peças jornalísticas localizadas, retiro as seguintes conclusões. Primeiro, em grande parte dos *sites* jornalísticos foram publicados mais de uma peça jornalística; o que aconteceu, por norma, nas horas pico da manhã: às 7, 8, 9 e 10 horas. Percebe-se, assim, interesse intenso da comunicação social em manter os seus *sites* actualizados perante situações percebidas como crise de crise nos bairros como a Quinta do Mocho. De referir também, que, ao tempo, sobre a Quinta do Mocho já não se falava de problemas com a polícia há praticamente dois anos.

Abordei moradores sobre os acontecimentos do dia a dia, que nenhum enlum dos interpelados valorizou. Na perspectiva dos meus entrevistados – moradores, vereadora e trabalhadores em algumas associações, alguns residentes fora do bairro – esta acção da polícia tinha tido por mero objectivo marcar presença no plano mediático. A comunicação social neste caso concreto apoiou-se nesta acção e possibilitou “um grande *show off* mediático”. Como afirmei antes, o trabalho mediático neste caso visava a contagem de *clickbait*, a fim de atrair público aos seus *sites*.

O SENTIMENTO DE PERTENÇA: NOTA CONCLUSIVA

O facto de a comunicação social priorizar notícias sobre a Galeria de Arte Pública (GAP) às referentes à criminalidade, reforçou o sentimento de pertença ao bairro, de facto. Isso aconteceu graças ao GAP e à visitas guiadas feitas por moradores. Os visitantes vinham ver as peças de arte pública e, por outro lado, a acção dos media colocou o bairro nas primeiras páginas e na abertura de telejornais, o que fundamentou um sentimento de honra em viver no bairro. Como verifiquei³, as pessoas querem, num esforço colectivo, cuidar da limpeza, melhorando o aspecto do bairro.

Volto aos argumentos de Fernando Diogo (1999):

... a forma como os media produzem representações sociais não é igual para todos. As classes populares não têm possibilidades de aceder ao domínio dos media, pois não têm dinheiro, diplomas ou relações sociais que lhes permitam apresentar

³ Por exemplo, nas reuniões de associações do bairro, quando se discutia o futuro do bairro e novos projectos. Ficava patente a ideia que o bairro é de todos os moradores e que todos juntos deviam trabalhar colectivamente na sua preservação.

um discurso próprio. Ou seja, os pobres não têm capital social, económico, cultural e simbólico suficiente para produzir um discurso autónomo nos media que dê deles uma representação construída por eles e, portanto, mais favorável, estando, por isso, sujeitos às representações desfavoráveis que estes constroem e difundem (Diogo 1999, 332).

Analisou-se uma dinâmica, em que a CML e um conjunto de moradores procura alterar as narrativas predominantes sobre o bairro: da imagem de lugar “onde não se deva entrar”, porque dominado por violência, construiu-se outra, de espaço de fruição de arte pública (GAP). Concluiu com palavras ouvidas a moradores:

– Antes só falavam da violência, agora somos falados e lembrados por isso [a GAP], [o que] é muito bom!

BIBLIOGRAFIA

Cachado, Rita Ávila e Baía, João (org) (2012). *Políticas de Habitação e Construção Informal*. Lisboa: Editora Mundos Sociais.

Diogo, Fernando (1999). “Um bairro «problema»: análise das notícias nos jornais locais” *Fórum Sociológico* nº 1-2, 331-339.

Esteves, Alina Isabel Pereira (2004). *Imigração e Cidades: Geografias de Metrópoles Multi-étnicas – Lisboa e Washington DC*, Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Harvey, David (2008). “O Direito à Cidade”. *Lutas Sociais* 29, 73-89.

Lefèbvre, Henri (1968). *O Direito à Cidade*. Traduzido por Rui Lopo (2012). Lisboa: Estúdio e Livraria Letra Livre.

Malheiros, Jorge e Letria, Pedro (1999). *À Descoberta dos Novos Descobridores*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

Ramalho, Sónia e Trovão, Susana (2010). *Repertórios Femininos em Construção num Contexto Migratório Pós-Colonial: Modalidades de Participação Cívica – Volume 2*. Lisboa: Alto-Comissariado Para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.)

Wacquant, Loïc (2001). “Gueto, *banlieue*, favela: ferramentas para se repensar a marginalidade urbana”. Comunicação apresentada no XXV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, ANPOCS.

Imprensa online consultada

Correio da Manhã (30/09/11)

Diário de Notícias – Madeira (03/12/15)

Diário de Notícias (02/11/15)

Diário de Notícias (03/08/14)

<http://portocanal.sapo.pt/noticia/75966>

<http://www.cmjornal.pt/portugal/detalhe/dono-de-loja-queima-ladrao-com-acido-sulfurico>

<http://www.dn.pt/artes/interior/arte-urbana-para-recuperar-imagem-da-quinta-do-mocho-4158433.html>

<http://www.dn.pt/sociedade/interior/da-quinta-do-mocho-para-alvalade-sem-esquecer-o-bairro-4865548.html>

<http://www.dnoticias.pt/actualidade/pais/554331-subiu-para-sete-numero-de-detidos-na-operacao-da-ppsp-na-quinta-do-mocho-em-s>

<http://www.jn.pt/mundo/dossiers/dez-anos-depois-do-11-de-setembro/interior/preocupacao-constante-com-a-seguranca-1985845.html>

<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-ano-vivido-por-marfox-da-quinta-do-mocho-para-o-moma-de-nova-iorque-1680546>

<http://www.publico.pt/temas/jornal/a-periferia-e-o-centro-26848440>

http://www.rtp.pt/noticias/pais/tiroteio-na-quinta-do-mocho-faz-um-morto-e-um-ferido-grave_v715626

http://www.sabado.pt/vida/detalhe/a_quinta_do_mocho_e_uma_galeria_de_arte.html

<http://www.tsf.pt/cultura/interior/um-bairro-problematico-transformado-em-galeria-de-arte-publica-4861906.html>

<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/psp/200-policias-no-bairro-do-mocho-em-sacavem-em-busca-de-armas>

Jornal de Notícias (10/09/11)

Porto Canal (03/12/15)

Público (23/07/13)

Público (27/12/14)

RTP (09/02/14)

Sábado (24/03/15)

TSF (25/10/15)

TVI24 (03/12/15)

Sítios

<http://www.cm-loures.pt/Media/Microsite/Artepublicaloures/sacavem.html>